

Fórum econômico debate

O governador Joaquim Roriz abre hoje, às 9h, no auditório do **CORREIO BRAZILIENSE**, o Fórum Econômico de Brasília, evento que, durante dois dias, reunirá as lideranças da cidade, em diversas áreas, para discutir, com profundidade, a atual realidade de Brasília e os rumos que deverá tomar para construir seu futuro. O fórum é um promoção deste jornal, com o apoio do Grupo Osório Adriano.

Em cada um dos dois dias, o evento contará com duas mesas-redonda. Hoje, a partir das 10h, o primeiro assunto será "Brasília — Identidade e Destino Econômico". Os debatedores são o jornalista Luiz Gutemberg Lima Silva, a professora Vânia Lomônaco Bastos, do Departamento de Economia da UnB; Duval Magalhães Fernandes, da Codeplan; Edson Dytz, engenheiro e empresário do setor de Informática, e Márcio Cotrim, diretor de Marketing do **CORREIO BRAZILIENSE**. A primeira mesa-redonda terminará ao meio-dia e será presidida pelo deputado Benício Tavares, presidente da Câmara Legislativa.

As 14h30, será iniciando a segunda mesa-redonda. O arquiteto e urbanista Jorge Guilherme Francisconi, ex-coordenador de

Política Urbana Brasileira (Governo Geisel) e ex-presidente da EBTU (Empresa Brasileira de Transporte Urbano) é quem fará a conferência, que terá como tema "As Metróles Emergentes do Século XXI — Estrutura e Funções".

O representante da Unesco no Brasil, Miguel Ângel Enriques; Paulo Timm, economista e ex-secretário do Meio Ambiente do Distrito Federal, e o professor Gustavo Lins Ribeiro, do Departamento de Antropologia da UnB, serão os debatedores. A mesa ficará sob a presidência do jornalista Paulo Cabral, presidente dos Diários Associados.

Novo planejamento — A realidade de Brasília, marcada por números que surpreendem, leva a um replanejamento da cidade sob pena dela amargar um futuro problemático ou, na melhor das hipóteses, incerto. Este raciocínio é compartilhado por vários debatedores e pelo conferencista Guilherme Francisconi.

O engenheiro Edson Dytz, por exemplo, acha que Brasília necessita ter um centro de informática, para comercializar, em todo o País, software específico. Um dos fundadores do curso de Engenharia Elétrica da UnB, Dytz deixa claro que a universidade não po-

deria ficar de fora desse projeto, sendo, aliás, o seu cérebro.

Atuando em conjunto com vários segmentos da sociedade, a UnB iria produzir, no centro de informática, os softwares que a cidade solicitar, de acordo com suas necessidades. "É uma maneira de a universidade, inclusiva, aproximar-se da sociedade, uma vez que, hoje, ela produz diplomas, mas está muito afastada da realidade brasiliense", explica o engenheiro e empresário do setor de informática, acrescentando que esse é um tipo de replanejamento de Brasília. "A produção de softwares em larga escala, inclusive para o mercado nacional, não polui, gera empregos e colocaria Brasília no futuro, além de retomar a sua modernidade", conclui.

Essa questão da modernidade é outro ponto que, certamente, ocupará espaço no fórum, já em seu primeiro dia. Guilherme Francisconi questiona, por exemplo, "que modernidade é essa, numa cidade que incorpora a cultura anárquica da ocupação brasileira?". Modernidade, segundo Francisconi, é aquela em que o cidadão que a habita tem as suas necessidades atendidas plenamente.

realidade de Brasília

Fórum econômico debate

O governador Joaquim Roriz abre hoje, às 9h, no auditório do **CORREIO BRAZILIENSE**, o Fórum Econômico de Brasília, evento que, durante dois dias, reunirá as lideranças da cidade, em diversas áreas, para discutir, com profundidade, a atual realidade de Brasília e os rumos que deverá tomar para construir seu futuro. O fórum é um promoção deste jornal, com o apoio do Grupo Osório Adriano.

Em cada um dos dois dias, o evento contará com duas mesas-redonda. Hoje, a partir das 10h, o primeiro assunto será "Brasília — Identidade e Destino Econômico". Os debatedores são o jornalista Luiz Gutemberg Lima Silva, a professora Vânia Lomônaco Bastos, do Departamento de Economia da UnB; Duval Magalhães Fernandes, da Codeplan; Edson Dytz, engenheiro e empresário do setor de Informática, e Márcio Cotrim, diretor de Marketing do **CORREIO BRAZILIENSE**. A primeira mesa-redonda terminará ao meio-dia e será presidida pelo deputado Benício Tavares, presidente da Câmara Legislativa.

As 14h30, será iniciando a segunda mesa-redonda. O arquiteto e urbanista Jorge Guilherme Francisconi, ex-coordenador de

Política Urbana Brasileira (Governo Geisel) e ex-presidente da EBTU (Empresa Brasileira de Transporte Urbano) é quem fará a conferência, que terá como tema "As Metróles Emergentes do Século XXI — Estrutura e Funções".

O representante da Unesco no Brasil, Miguel Ângel Enriques; Paulo Timm, economista e ex-secretário do Meio Ambiente do Distrito Federal, e o professor Gustavo Lins Ribeiro, do Departamento de Antropologia da UnB, serão os debatedores. A mesa ficará sob a presidência do jornalista Paulo Cabral, presidente dos Diários Associados.

Novo planejamento — A realidade de Brasília, marcada por números que surpreendem, leva a um replanejamento da cidade sob pena dela amargar um futuro problemático ou, na melhor das hipóteses, incerto. Este raciocínio é compartilhado por vários debatedores e pelo conferencista Guilherme Francisconi.

O engenheiro Edson Dytz, por exemplo, acha que Brasília necessita ter um centro de informática, para comercializar, em todo o País, software específico. Um dos fundadores do curso de Engenharia Elétrica da UnB, Dytz deixa claro que a universidade não po-

deria ficar de fora desse projeto, sendo, aliás, o seu cérebro.

Atuando em conjunto com vários segmentos da sociedade, a UnB iria produzir, no centro de informática, os softwares que a cidade solicitar, de acordo com suas necessidades. "É uma maneira de a universidade, inclusiva, aproximar-se da sociedade, uma vez que, hoje, ela produz diplomas, mas está muito afastada da realidade brasiliense", explica o engenheiro e empresário do setor de informática, acrescentando que esse é um tipo de replanejamento de Brasília. "A produção de softwares em larga escala, inclusive para o mercado nacional, não polui, gera empregos e colocaria Brasília no futuro, além de retomar a sua modernidade", conclui.

Essa questão da modernidade é outro ponto que, certamente, ocupará espaço no fórum, já em seu primeiro dia. Guilherme Francisconi questiona, por exemplo, "que modernidade é essa, numa cidade que incorpora a cultura anárquica da ocupação brasileira?". Modernidade, segundo Francisconi, é aquela em que o cidadão que a habita tem as suas necessidades atendidas plenamente.

realidade de Brasília